

CINEMA: INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Solange Castro Schorn

Eliane Gonçalves dos Santos

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o potencial do cinema nas intervenções pedagógicas. Os filmes comerciais viabilizam formas de socialização dos indivíduos em instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, dada a potencialidade deste instrumento em discutir conceitos, comportamentos e situações da vida em sociedade. Delimitamos como objeto de estudo o filme *Divertida Mente* (2015), produzido pela Pixar Animation Studios Walt Disney, a fim de pensar e refletir sobre as habilidades socioemocionais nos contextos educativos, compreendendo o espaço escolar como lugar onde a relação pedagógica não se reduz apenas em conhecimentos estabelecidos por currículos, mas por outros tipos de aprendizagens que ultrapassam os muros da escola. A análise do filme seguiu a proposta metodológica da análise de conteúdo que o considera como um relato levando em conta o tema proposto. Conclui-se que o trabalho com filmes no espaço escolar possibilita ampliar conhecimentos conceituais e repensar atitudes e comportamentos produzindo efeitos nas relações interpessoais.

Palavras-chaves: Cinema; Formação de Professores; Emoções; Habilidades socioemocionais.

Introdução

Trabalhar no ensino com a sétima arte, o cinema, possibilita alargar algumas compreensões e entendimento acerca dos conhecimentos produzidos pela humanidade, assim como elementos da história e da memória dos alunos. Ao trazer o cinema para o espaço escolar o professor possibilita que os alunos interajam com o filme não só como aprendiz, mas como espectador (NAPOLITANO, 2008; DUARTE, 2002) que tem experiências, escolhas e motivações, as quais acionam elementos sedimentados na memória que irão interferir no processo de aprendizagem. De acordo com pesquisadores da área (DUARTE, 2002; ALMEIDA, 2004; NAPOLITANO, 2008; MARTINHO, 2011) o trabalho com o cinema na construção do saber, desempenha um importante papel no arcabouço dos alunos, na medida em que expande o interesse tanto pela arte do cinema quanto pela história apresentada.

Partindo desses pressupostos apresentamos a discussão sobre o uso do cinema na educação e o trabalho com este instrumento pedagógico para refletir acerca das habilidades socioemocionais. A análise dessa película segue a proposta metodológica da análise de

conteúdo que considera o filme como um relato e leva em conta o tema do mesmo. Os procedimentos para tal análise foram a identificação do tema seguida de um resumo da história levando em consideração o que o mesmo apresenta a respeito do tema (PENAFRIA, 2009).

O filme como instrumento pedagógico contribui para a expansão do conhecimento dos professores e alunos não apenas dos conteúdos curriculares e elementos conceituais, mas também para repensar as atitudes, comportamentos e as relações estabelecidas nos espaços educativos.

Filme como instrumento pedagógico

A proposta deste trabalho é oportunizar uma reflexão na e para a formação de professores sobre o uso do cinema como instrumento com potencial pedagógico para o ensino e à compreensão das habilidades socioemocionais. A educação e o cinema constituem formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades (DUARTE, 2002). Essa interface compõe a própria história do cinema, pois as produções cinematográficas sempre foram consideradas como instrutivas e educativas apontando para a reflexão da vida em sociedade.

A história do cinema registra o encantamento do homem pelas imagens em movimento e desde a primeira exibição fílmica em Paris pelos irmãos Lumière, em 28 de dezembro de 1895, esta mídia fascina os homens. “Essa rede se amplia, se enriquece e se complexifica permanentemente, interferindo no modo como percebemos e interpretamos as novas narrativas¹ fílmicas com as quais vamos tendo contato”, diz Duarte (2004, p. 45), uma vez que possibilitam ao espectador inúmeras sensações, emoções e representações as quais se aproximam da realidade ou, ainda, por proporcionarem situações quase impossíveis como as histórias contadas nos filmes de ficção científica.

Acreditamos que a produção de sentido na relação com narrativas fílmicas tem como um de seus pressupostos a suspensão, por parte do espectador, dos parâmetros de que ele tradicionalmente se utiliza para a compreensão da realidade, ou seja, estabelece-se entre espectador e filme uma espécie de pacto na qual ambos

¹ Todo filme é uma narrativa e como tal conta uma história por meio da projeção de imagens e sons específicos, únicos, uma vez que foram captados na realidade, onde cada coisa (objetos, pessoas, animais, etc.) é única entre todas (OLIVEIRA JR., 1999).

consentem em não exigir da narrativa mais do que verossimilhança no tratamento das ‘coisas’ do mundo real. O espectador espera que o filme tenha ancoramento na realidade, que não fuja totalmente daquilo que é considerado aceitável na vida real, mas admite que realidade e fantasia se misturem e que sejam ultrapassados certos limites quando uma história é contada a partir dos parâmetros e recursos próprios da linguagem cinematográfica (DUARTE, 2004, p. 45).

As experiências e valores culturais que o cinema projeta no espectador, estão ancorados no entendimento de Martinho (2011). De acordo com o autor, o cinema é uma manifestação artística de grande impacto à população nos últimos 200 anos e é considerado como parte do patrimônio cultural dos povos conferindo valores culturais, artísticos, sociais, econômicos e educacionais.

Nesse contexto, a linguagem cinematográfica constitui um importante instrumento pedagógico como assevera Ferreira (s/d) ao escrever sobre a experiência cinematográfica no seu potencial de educar. Ideia esta que vai ao encontro de Silva (2007, p. 211) que defende o uso do cinema como recurso pedagógico e aponta para sua dimensão educativa na afirmação de que se ele “encanta, deslumbra e emociona, ele também ensina”. Embora seja produzida com outros enfoques, no sentido de entretenimento, estabelece uma grande aliança com a educação. As instituições escolares têm utilizado os filmes comerciais como instrumentos didáticos em diversas situações. Também em Instituições de Ensino Superior (IES) essa prática tem sido frequente dada a possibilidade oferecida na cinegrafia de discutir conceitos, comportamentos e situações da vida em sociedade.

A expansão audiovisual trouxe para a sociedade novos modos de comportamentos e compreensões. Efetua, de acordo com Babin e Kouloumdjian (1989 apud FERREIRA, s/d) uma elaboração intelectual que possui quatro diferentes fases no mecanismo presente no ato de compreendê-lo. Primeiro o estímulo-sensação que se refere ao impacto provocado pelos sons, imagens e palavras; segundo os sentimentos iniciais como pré-orientadores do conhecimento; terceiro a elaboração de sentidos livre de sentimento e emoções e, por último, a reflexão crítica que constitui a análise do conteúdo visualizado (FERREIRA, s/d, p. 08). A autora sinaliza para a necessidade de uma formação docente que considere “uma educação na/para as mídias, salientando que as transformações pelas quais a sociedade vem passando, apontam para a necessária mudança nos modos de lidar com o conhecimento e a informação” (FERREIRA, s/d, p. 12).

A linguagem cinematográfica nas escolas tem sido um fato evidenciado por diversos autores (DUARTE, 2002; ALMEIDA, 2004; NAPOLITANO, 2013; TEIXEIRA,

GRAMMOUNT E AZEVEDO, 2014) que discutem a interface cinema e educação. O cinema mostra possibilidades de um diálogo relevante com os conteúdos curriculares em diferentes áreas na produção do conhecimento e assinalam para a importância de ser contemplado na formação do professor.

Teixeira, Grammount e Azevedo (2014, p. 134) debatem essa questão salientando a ideia de que a “inclusão da educação cinematográfica nos processos de formação de professores deve ser compreendida como um dever ou uma necessidade se pensada à luz das novas exigências sociais” e, ao mesmo tempo, como “um direito se estiver associado à perspectiva da formação de professores como formação humana”. Desenvolver a capacidade de selecionar filmes que ampliem as experiências culturais e contribuam para o desenvolvimento integral do educando torna-se necessário para a formação do professor, dizem as autoras.

Da mesma forma que os docentes precisam se capacitar para o trabalho com os conhecimentos científicos, é preciso que eles desenvolvam experiências e saberes para o trabalho com outras linguagens e, sobretudo, com imagens e telas que constituem grande parte dos processos de socialização e vivências socioculturais nas sociedades contemporâneas. (2014, p. 134).

Partindo deste entendimento, pensar o trabalho docente com o cinema nas salas de aula apresenta-se como um caminho viável para as discussões, análises e reflexões acerca dos conteúdos, uma vez que, pelos seus enredos as obras cinematográficas possibilitam dialogar sobre os conteúdos científicos, valores éticos, acontecimentos históricos, além de a linguagem cinematográfica ser facilmente compreendida pela sociedade audiovisual. Contudo, há de ficar claro para professores e alunos que os filmes são “uma obra de arte e ficção (não é um documentário) e que alguns fatos da história real podem ter sido exacerbados ou diminuídos para dar o caráter artístico ao filme e que, portanto devemos ser críticos em relação a isso” (MAESTRELLI e FERRARI, 2006, p. 37) considerando que essas informações transmitidas pelos filmes “são interpretações dos fatos existentes e que são dados a partir dos interesses vigentes, o que deve ser levado em consideração e ser motivo para uma boa reflexão em grupo” (SOUSA, 2005, p. 22). Neste âmbito, vale destacar que os filmes podem ter forte impacto no processo de ensino e aprendizagem.

Por que o cinema na sala de aula? E porque pensá-lo para discutir as emoções?

Moran (1995) argumenta que as linguagens da TV e do vídeo vão ao encontro da sensibilidade dos jovens e da maioria dos adultos, pois estimula primeiro a afetividade e depois a razão. Ainda, segundo o autor, “o jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender” ou como explicitam Teixeira, Grammont e Azevedo (2014, p. 131),

[...] os filmes continuam a nos impactar, às vezes por vários dias depois de assisti-los, em processos de construção e desconstrução, aprendizagens e desaprendizagens de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, enriquecendo substancialmente o acontecimento de nossa vida.

Diante desse contexto identifica-se a grande demanda de informações, de imagens e de linguagens que os diversos meios de comunicação apresentam e que os alunos têm acesso na atualidade, caracterizando que o espaço pedagógico não se limita à sala de aula, que a construção do conhecimento e da nossa identidade social se faz presente em todos os locais com os quais temos contato. Portanto, é visível a necessidade do professor e da escola (re)pensarem sobre suas estratégias didáticas e pedagógicas, bem como na relação que há entre a palavra e a imagem na escola.

Esse aspecto é importante de ser pensado e discutido na Educação, uma vez que na contemporaneidade somos bombardeados por imagens. Uma questão que remete refletir sobre o poder simbólico que elas têm e como inspiram diferentes modos de ser, pensar e agir, ideologias e ideias sobre o certo e o errado. Tal situação provoca mudanças significativas na maneira como o homem interage com o ambiente, com o outro, com o mundo.

Cada época é marcada por fatos, comportamentos, modelos e também por imagens do mundo daquele período que influenciam todos os segmentos da sociedade. Em um passado recente, os professores eram vistos como os detentores do conhecimento e os livros didáticos na escola uma das únicas formas de aprender, ver e ter acesso a esse conhecimento. Porém, ao longo dos anos com grande brevidade essa realidade se modificou com imagens técnicas que são “derivadas não apenas de tecnologia, mas de técnicas de discursos aguçados de repressão e apropriação hegemônicos” (MENEGAZZI 2013, p.3210). Por conta da explosão das imagens, as quais se encontram em todos os lugares como televisão, computadores, videogames, celulares, entre tantos outros, essa revolução imagética reflete as mudanças

provocadas pelo advento da informática na era global a qual adentrou a escola e a vida dos homens, modificando profundamente as formas de ver e aprender, pois até então, o mundo falado e o mundo escrito eram preponderantes da escola.

Diante de tal realidade, denotamos que o poder da imagem assombra, visto que ela cada vez mais se sobrepõe sobre a fala e a escrita causando, em certos casos, desconfiança, desconforto e angústia nos professores. Frente a esses desafios que a escola se depara é necessário pensar, também, acerca da cultura das imagens. A imagem sempre esteve presente nas aulas, na sonoridade das palavras, na escrita no quadro negro, porém, com o advento da tecnologia está mais persuasiva e sedutora. Cabe lembrar, como cita Schneider (2005), que “sempre necessitaremos escrever e falar e, dessa forma, pensar no que significa os seguintes recursos de inteligência: fala, escrita e imagem”, a fim de buscar um equilíbrio e ter nas imagens a possibilidade de construção de múltiplos olhares para o cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, é importante discutir, analisar e refletir sobre os desdobramentos sociais que há entre as imagens e a educação e as implicações dessa no contexto escolar, pois

de um modo geral, podemos considerar que vivemos em um contexto social onde as imagens se fazem presentes em cada um e em todos os meios de comunicação humana. As imagens povoam o universo da comunicação humana desde a fala até a informática. Por outro lado, é inegável a consideração que prevalece entre nós o consumo de imagens como principal forma de interação no/com o mundo (PETRUCCI et al, 2011, p.208).

Esse universo povoado pela cultura da imagem, veiculada pela mídia de massa que atravessa os lares na contemporaneidade apresenta “realidades” pelo meio imagético e virtual criando sensações, frustrações e estimulando atitudes e comportamentos. Quando o cinema adentra o espaço pedagógico ele chega como proposta educativa levando vários saberes e conhecimentos que possibilitam ao aluno interpretações carregadas de sentido e significado.

O cinema não é só matéria para função e a Inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para explicitação demonstração e afirmação de ideias, ou negação destas, mas como produto de cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados (ALMEIDA, 2004, p. 32).

O filme como instrumento de mediação abre espaço para que professor e aluno possam criar, recriar, aprender, ensinar, afetar e serem afetados encontrando-se consigo mesmos e com o conhecimento para constituírem-se no mundo e nos processos de aprendizagem. O espaço escolar como lugar onde a relação pedagógica habita não se reduz

apenas em conhecimentos estabelecidos por currículos, mas por outro tipo de aprendizado relacionado a modos de conduta, de comportamentos, hábitos, valores e atitudes.

Nesse contexto, vem surgindo filmes comerciais de animação que oferecem às crianças e adolescentes mais do que meramente propostas de entretenimento e lazer. É o caso de filmes como *Rei Leão* (1994), *Sherk* (2001), *A era do Gelo* (2002), *Madagascar* (2005) entre outros que ganham espaço na mídia pelas ideias originais que carregam e encontram lugar nas discussões atuais no campo da educação emocional. Com uma linguagem simbólica e divertida alcançam o público infanto-juvenil possibilitando reflexões acerca das relações interpessoais.

O discurso em torno de considerar as emoções no processo de ensino e aprendizagem está ocupando um lugar significativo no mundo da educação. O cinema, na sua linguagem fílmica, entre sons, palavras e imagens, oferece conceitos relevantes à reflexão da importância de reconhecer as emoções nos processos educativos como sinaliza Wallon (1968; 1971). O filme *Divertida Mente* (2015)² surge como um convite à essa reflexão na medida em que possibilita a percepção de sentimento, emoções e conflitos inerentes ao processo de desenvolvimento que abrange todos os espaços educativos. O filme desperta emoções e ao mesmo tempo aponta para a discussão de princípios e valores presentes na educação. Cabe aqui uma pequena descrição do longa-metragem com o objetivo de situá-lo na discussão e reflexão do texto.

O filme

O filme narra a história de Riley, uma menina de 11 anos que vive na cidade de Minnessota (EUA) em plena alegria com seus pais, amigos e colegas da escola até o momento em que a família decide deixar essa cidade para viver em San Francisco (EUA) ao encontro de novas oportunidades de trabalho. Momento em que o universo das relações de Riley sofre significativa transformação, uma vez que essa transição é sentida como ameaçadora e vivida com dificuldade perturbando-a emocionalmente. Desde a chegada à nova residência ao primeiro dia de aula a menina é acompanhada por uma profunda tristeza que reflete a desorganização emocional que habita sua mente.

² Filme de animação produzido pela Pixar Animation Studios Walt Disney – EUA – 2015, sob a direção de Pete Docter.

Divertida Mente (EUA, 2015), no seu início, demonstra o nascimento da emoção, como o que representa a consciência humana, no momento em que a personagem Riley é embalada pelos pais. Em um espaço abstrato surge a personagem Alegria que pressiona um botão no painel de controle. Do lado de fora o bebê abre os olhos e começa a sorrir. É o início da vida da pequena Riley! O filme intercala dois momentos simultâneos - o mundo real e o mundo mental - como um sistema detalhado onde as experiências de vida são transformadas em memórias esféricas que criam as bases da personalidade e do desenvolvimento psíquico, ao mesmo tempo em que Alegria, a emoção dominante, passa a ser acompanhada por outras emoções: Tristeza, Raiva, Nojo e Medo que têm o papel de orientar as decisões e relações de Riley no mundo exterior.

As emoções discutem e interagem entre si frente a um painel de controle localizado no alto de uma torre, onde pode se observar a detalhada cartografia e topografia da mente, com as ilhas das memórias-base que sustentam a personalidade com suas respectivas peculiaridades e que refletem diferentes aspectos do caráter de Riley construídos nas suas interações sociais. São elas: ilha da família, ilha da amizade, ilha da honestidade, ilha da bobeira e ilha do hóquei. À frente uma planície onde se localiza o labirinto das memórias de longo prazo, o vale dos pensamentos abstratos e o abismo do subconsciente para onde diligentes operários que fazem a manutenção das memórias jogam esferas de experiências que não são mais necessárias caindo e desintegrando-se no abismo do esquecimento.

Em decorrência dos conflitos vivenciados e a desorganização das emoções na sala de controle, acidentalmente Alegria e Tristeza são jogadas para fora da sala caindo nos recessos da mente. O filme, então, remete à jornada dessas protagonistas tentando encontrar o caminho de volta à torre de controle para restaurar a felicidade na vida da menina. Em síntese, o filme trata da passagem da infância e entrada na pré-adolescência, descrevendo os conflitos mental e emocional da menina que deverá reconstruir suas relações em uma nova escola, com novos amigos e novas vivências. É a trajetória de todos nós, confrontados com nossas próprias experiências infantis e nossas relações interpessoais, no doloroso processo de desenvolvimento e amadurecimento como sujeitos no mundo.

Reflexões

O filme *Divertida Mente* (2015), na sua história remete para um tema bastante atual discutido na educação, sobretudo quando se discute uma proposta de desenvolvimento de habilidades socioemocionais em crianças e adolescentes nos contextos educativos, (VIGOTSKY, 1991; WALLON, 1998). Nesse sentido, enfoca uma dimensão educativa interessante. Essa produção cinematográfica, como outras mencionadas nesse escrito, pode desencadear a percepção de sentimentos e emoções contribuindo para reflexão e amadurecimento de questões importantes para a vida em sociedade.

Blasco (1999; 2004), na sua proposta de uma medicina mais humanizada reflete sobre o cinema no campo da educação e encontra no filme uma possibilidade de trabalhar a afetividade. O autor, de formação médica, afirma que o filme, como instrumento pedagógico, pode auxiliar o indivíduo a entender a vida aproximando as pessoas umas das outras. No contexto acadêmico, onde esse debate é promovido, os recortes das cenas dos filmes viabilizam discussões significativas que levam à reflexão do modo de ver e viver no mundo sendo, então, um desencadeador de comportamentos e atitudes nobres.

As cenas de filmes redundam numa exemplificação gráfica do caso concreto, para qual o aluno demonstra grande inclinação. Assim as histórias de vida, situações, atitudes representadas nos filmes de modo “plástico” funcionam como verdadeiros detonadores (frase textual dos alunos nas discussões) do processo de discussão. [...] Os alunos são atraídos por frases, por cenas de filmes, sem se ater ao contexto ou ao fundo filosófico ou argumentativo. [...] Visto que a facilidade do aluno é para o pontual, permite utilizar cenas em vez de filmes, para arrancar delas o debate que tem uma perspectiva integradora. A cena é a representação plástica da história de vida, da situação, da experiência que o aluno vive através da personagem. E dela se parte para uma fundamentação teórica através da discussão. (BLASCO, 2006, p. 52-53).

O autor salienta que não é o filme no seu conjunto, no enredo, que leva à trama da discussão e compreensão, mas uma cena selecionada, escolhida pelo aluno e trazida para o debate fortalecendo assim, a condução da temática desenvolvida e promovendo, como efeito dessa proposta, modos diferentes de se relacionar. Nessa perspectiva, as discussões que têm sido abertas com enfoque numa Educação Emocional que promova o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nas escolas podem encontrar lugar nessa interface, cinema e educação, como uma possibilidade de viabilizar as propostas atuais.

Um estudo realizado por Cruz e Lohr (2008) confere a contribuição do cinema no trabalho com as questões afetivas que aparecem na escola, especialmente no que diz respeito às intervenções com adolescentes. Partindo de um programa de formação de professores que

discutia a dificuldade em lidar com adversidades na escola desenvolveram um projeto³ para trabalhar princípios e valores com a utilização de recortes e trechos de filmes. De acordo com as autoras, a proposta consistia na discussão e reflexão desencadeadas a partir dos temas enfocados que apontavam para problemáticas comuns na vida dos jovens. O professor como mediador desse processo tinha como função levantar questões pertinentes que conduziam à reflexão e manter o foco das discussões no tema central do encontro.

O cinema, utilizado aqui como um instrumento na prática de intervenção pedagógica leva, para a sala de aula, situações representativas de sentimentos, medos, conflitos próprios da adolescência, estimula a liberdade de expressão, além de promover a reflexão sobre valores e posturas individuais, criando espaço para troca de ideias sobre as consequências atreladas a diferentes escolhas pessoais. (CRUZ e LOHR, 2008, p. 04).

As autoras sustentam essa proposta a partir do pressuposto de que

o ato de pensar, sentir, argumentar desencadeados pelo filme pode despertar no aluno o compromisso de se envolver com o conhecimento, o desejo de contribuir para a melhora de sua vida e dos demais, a melhora da percepção do mundo em que está inserido e ajudá-lo a olhar a si próprio como parte integrante deste mundo, com potencial para contribuir na transformação da sociedade. (CRUZ e LOHR, 2008, p. 08).

Nesse contexto, contribuem com uma proposta inovadora no sentido de pensar as possibilidades que podem ser abertas nos espaços educativos para promover uma educação mais afetiva.

Considerações Finais

Neste trabalho apresentamos alguns pontos para pensarmos e defendermos o uso do cinema na escola e na formação de professores. Buscamos por meio dos referenciais e das pesquisas já desenvolvidas até o momento, apontar quão valioso pode ser explorar essa mídia como instrumento pedagógico. Pelo fato do cinema mostrar possibilidades de um diálogo relevante com os conteúdos curriculares em diferentes áreas na produção do conhecimento. Pois, quando o cinema adentra o espaço pedagógico ele chega como proposta educativa levando vários saberes e conhecimentos que possibilitam ao aluno interpretações carregadas de sentido e significado, possibilitando entre professor e aluno trocas e aprendizagens. É

³ O projeto de intervenção pedagógica desenvolvido por Cruz e Lohr (2008) com alunos da rede pública de ensino no Estado do Paraná com objetivo de proporcionar aos adolescentes reflexões sobre temas da vida cotidiana, tendo o cinema como ferramenta pedagógica. (Cf. CRUZ e LOHR, 2008).

notório que trabalhar com filme em sala de aula requer conhecimento e planejamento pedagógico.

Nossa intenção com esse trabalho foi alargar as possibilidades do uso do filme no contexto escolar, sobretudo, desencadear uma reflexão da possibilidade de, além dos conteúdos curriculares, trazer para a mesa de discussões modos de utilizar os filmes de animação para pensar e refletir a Educação Emocional no espaço educativo.

Referências

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLASCO, Pablo G. **Educação da Afetividade através do Cinema**. Curitiba: IEF – Instituto de Ensino e Fomento, 2006.

_____. **Como aprimorar a busca de informação**. (2004). Disponível em: http://www.sobramfa.com.br/artigos/2004_mai_como_aprimorar_a_busca.pdf. Acesso em 25/04/2016.

_____. **O valor dos recursos humanísticos na educação médica: literatura e cinema na formação acadêmica**. Disponível em: http://www.sobramfa.com.br/artigos/1999_out_O_valor_dos_recursos_humanisticos_na_educacao_medica_literatura.pdf. Acesso em 25/04/2016.

CRUZ, E. P. da; LOHR, S. S. **O cinema como instrumento na Educação da Afetividade: um convite à reflexão e à humanização** (2008). Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1425-8.pdf>. Acesso em 26/04/2016.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. et al. Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, M.G.J. (Org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

FERREIRA, A. M. **Cinema e formação de professores.** Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_006/EDUCA%C7AO/PDF/CINEMA%20E%20FORMA%C7%C3O%20-%20PRONTO.pdf. Acesso em 20/04/2016.

MARTINHO, M. F. B. **Contribuições para o ensino - Aprendizagem do PLE:** da teoria à prática. Faculdades de Letras- Universidade do Porto, Porto, 2011.

MENEGAZZI, D. A filosofia da fotografia de Flusser e a Produção de Poder Simbólico. In: **IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem** – Londrina-PR. Acesso em 10/07/2015.

MAESTRELLI, S. R. P.; FERRARI, N. O Óleo de Lorenzo: o uso do cinema para contextualizar o ensino de genética e discutir a construção do conhecimento científico. **Genética na Escola**. 01.02, p. 35-39, 2006. Disponível em: <<http://www.sgb.org.br>>. Acesso em: 28/08/2011.

MENEGAZZI, D. **A filosofia da fotografia de Flusser e a Produção de Poder Simbólico.** In: **IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem** – Londrina-PR. Acesso em 10/07/2015.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e educação**. São Paulo, (2): p. 27- 35, jan./abr. 1995.

_____. A Contribuição das Tecnologias para uma Educação Inovadora. **Contrapontos** – v. 4 - n. 2 - p. 347-356 - Itajaí, maio/ago. 2004.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** 2º ed. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA JR., W. M. Filmes & professores: momentos de uma oralidade muito presente. **Pro-Posições**, v. 10, n. 1 (28) março de 1999. p. 163-178.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes** – conceitos e metodologias. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 31/01/2016.

PETRUCCI, M.I.R.; RAMOS, T.A.; CORRÊA, B.I.; JUNIOR, A.S.A. **Narrativas e Mônadas:** potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 1, pp. 198-217, jan/jul 2011. Acesso em 14/05/2014.

SCHNEIDER, P.R. **O outro pensar:** sobre o que significa pensar? E a época da imagem do mundo, de Heidegger. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SILVA, R. P. **Cinema e educação.** São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, B. J. **O cinema na escola:** aspectos pedagógicos do texto cinematográfico. 2005. 142f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

TEIXEIRA, I.A.C; GRAMMONT, M. J.; AZEVEDO, A.L.F “**Me ajuda a olhar!**” O cinema na formação de professores (as). Educação em Foco. n.24, p. 123-143, 2014. Disponível em: <http://www.uemg.br/openjournal/index.php/educacaoemfoco/article/view/579>. Acesso em 20/04/2016.

VARANI, A.; CHALUCH, L. N. O uso de filmes na formação de professores. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, n.1, p.1-23, dez. 2008.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **As origens do caráter na criança:** os prelúdios do sentimento e da personalidade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

Filmografia

Divertida Mente (Inside out). Direção: Pete Docter. Produção: Jonas Rivera. Walt Disney Pictures, 2015. 94 min, cor.